



Ministério

Adventista



Julho-Agosto de 1963

SAUDAÇÕES

a um Companheiro!

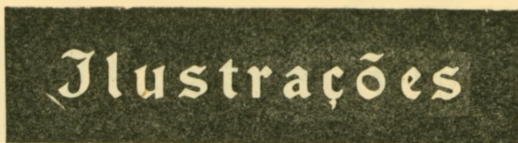
R. A. A.

A ilustração da capa apresenta o pastor Walter Schubert, quando estava expondo uma comovente mensagem, no último dia do Concílio Ministerial em São Francisco. Como evangelista destemido, êste fiel pregador proclamou o evangelho eterno com poder. Deus lhe deu capacidade para apresentar a mensagem da graça em diversas línguas, especialmente em três — Inglês, Espanhol e Alemão. Em alguns países êle é conhecido como “o pregador do amor”. Não se pode ouvir êste homem sem perceber que êle ama a Deus e as pessoas às quais prega.

Durante anos foi secretário da Associação Ministerial, na grande Divisão Sul-Americana. Nos últimos oito anos foi um valioso membro da Diretoria da Associação Ministerial, aqui em Washington. Neste cargo trabalhou como professor, conselheiro e evangelista, em muitas partes do mundo. A poucos pregadores é dado produzir a impressão que êle fêz sôbre esta geração. Agradecemos a nosso Pai Celestial pelo êxito de seus labôres, pelos milhares que por êle foram levados a aceitar a salvação e a se prepararem para o encontro com o Salvador que breve voltará.

Humildade, trabalho difícil e consagração marcaram a experiência dêste dedicado servo de Cristo. Trouxe inspiração para os obreiros de Deus em qualquer parte em que labutou. Seu atual estado de saúde obrigou-o a trabalhar num cargo um tanto mais tranqüilo. Encoraja-nos o pensamento de que logo o evangelismo estará no passado e a obra do evangelho concluída. Quando o Senhor voltar em glória, trará o galardão consigo “para retribuir a cada um segundo as suas obras”.

Ao buscar êste leal associado encargos mais descansados no Ministério, sabemos que os obreiros adventistas de todo o mundo se unirão em dizer: “O Senhor te abençoe e te guarde”.



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaborador especial:
 J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 500,00
 Número Avulso Cr\$ 85,00

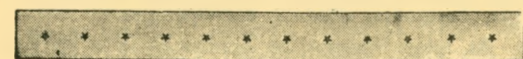
Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
 Número Avulso US\$ 0,35



Ano 29 No. 4

SAUDAÇÕES A UM COMPANHEIRO	2
ILUSTRAÇÕES	
"Semelhante a um Grão de Mostarda	3
Orgulho	3
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	
"O Pastor Está do Nosso Lado"	4
ARTIGOS GERAIS	
Confiança Entre os Irmãos	5
Os Cultos Sincréticos e o Adventismo do Sétimo Dia	7
Cantando "Com o Espírito e o Entendimento"	11
Nossa Afirmação e Obrigação	13
EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS	
Um Batismo Para Glória de Deus	16
OBRA PASTORAL	
A Espôsa do Ministro Visitando e Evangelizando	17
EVANGELISMO DA SAÚDE	
Novas Fronteiras no Evangelismo Médico	19
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
A Observância do Sábado — Um Critério Válido	22
NOSSA LÍNGUA	
Pronúncia das Palavras	24



"Semelhante a um Grão de Mostarda"

Os homens têm de reunir enormes exércitos, remover montanhas de mercadorias e imobilizar nações para monopolizar tronos e formar um império. Deus estabelece o Seu com apenas algumas sementes — uma partícula de amor, uma porçãozinha de fé. Ele alimentou a multidão com alguns pães e dois peixes e construiu Sua cruz duma bolota. "O reino", disse Ele, "é semelhante a um grão de mostarda." — *David A. Redding, The Parables He Told.*

ORGULHO

Os homens falam sobre o pecado com um sorriso afetado e ridículo, como se ele apenas tivesse que ver com sexo e blasfêmia. O pecado é rebelião contra Deus. Ele é conhecido por orgulho, e arruína os homens. Além do orgulho todos os alarmantes males do presente são insignificantes. É o orgulho que enche o inferno. É o orgulho que exaspera os homens, enlouquecendo-os com a idéia de que merecem mais; declara que os seus caminhos são os melhores e os condena ao inativo *status quo*. O orgulho amargura a amizade, sufoca o amor, devora a fé, encobre aos homens sua necessidade de Deus e os segrega do próximo, prendendo-os defronte do espelho e colocando-os numa solitária reclusão. — *Idem.*

Nossa Capa

O diretor artístico, T. K. Martin, assistiu às reuniões do Concílio Ministerial em São Francisco, e nos encontrou debatendo evangelismo. O colega, Walter Schubert, estava no púlpito, entusiasmado com o assunto que apresentava. A máquina fotográfica bateu, e resultou esta fotografia.

Não costumamos usar a capa para fotografias de membros da Diretoria, mas esta estava tão repleta de entusiasmo e era uma representação tão vívida de alguém cuja vida foi dedicada à exaltação de Cristo na pregação, que concordámos ser esta a maneira que desejávamos para lembrá-lo, ao deixar de ser secretário-associado da Associação Ministerial, para viver e labutar em outra parte.

The Ministry.



“O Pastor Está do Nosso Lado”

ENOQUE DE OLIVEIRA

QUANTAS vezes hemos ouvido surpresos a afirmação triunfante que serve de epígrafe a êste Editorial!

Paulo em uma de suas epístolas a Timóteo, jovem ministro, o exorta a guardar-se dos perigos do parcialismo, dizendo: “Conjuro-te diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos, que sem prevenção guardes estas coisas, *nada fazendo por parcialidade.*” I Tim. 5:21.

Uma igreja dividida, com os seus membros em controvérsia, denuncia, muitas vezes, a ausência de habilidade de um pastor que não sabe conduzir o seu ministério com equidade e espírito imparcial.

Certa vez um pastor assumiu o pastorado de uma igreja na qual existiam dois grupos em conflito. Membros influentes se encontravam em ambos os lados. Como dirigente espiritual estava, evidentemente, em condições excepcionais para tentar uma conciliação entre as partes litigantes. Entretanto, embora sincero e bem intencionado, revelou ausência de espírito conciliador, manifestando simpatia para com um dos grupos em luta e hostilizando o grupo opositor. Como resultado, os ânimos se exacerbaram, o conflito se intensificou, e o pastor, com uma maioria eventual, logrou eliminar da igreja as pessoas que integravam a facção por êle considerada rebelde. Excluídos, sem o direito de serem ouvidos, passaram a formar parte de uma escola sabatina que êles organizaram em uma casa particular. Após vários anos, essa igreja recebeu novo pastor, e uma de suas primeiras preocupações foi receber outra vez na comunhão da igreja, aquêles que haviam sido demitidos. O êrro foi sanado, porém a causa de Deus muito sofreu por êsse infeliz acontecimento, que bem poderia ter sido evitado.

O pastor, se deseja preservar a sua influência sobre o rebanho, deve guardar-se dos perigos que resultam do favoritismo. Com muita oportunidade perguntava o apóstolo S. Paulo: “Se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?”

(I Tim. 3:5) Um filho favorecido pelo papai, em detrimento de seus irmãos, constitui motivo de constantes alterações e controvérsias dentro do lar. O mesmo ocorre na igreja se o pastor se conduz com um espírito parcial, favorecendo a uns em prejuízo de outros.

Existem em quase tôdas as igrejas, entre os seus membros, diferenças de opiniões e idéias que, com freqüência, suscitam controvérsias e divisões. Em alguns lugares existem problemas antigos, velhas questiúnculas, que, como o carvão semi-apagado, com um sôpro imprudente revive e arde.

Quão sensato deve ser o pastor em sua obra conciliadora! Pertence-lhe a responsabilidade de unir os grupos em litígio e apagar as chamas da intolerância e incompreensão.

John R. Steelman logrou grande notoriedade ao conseguir harmonizar 87% de todos os conflitos trabalhistas ocorridos nos Estados Unidos, no decurso de 7 anos. Interrogado sobre o segredo do seu êxito, contestou:

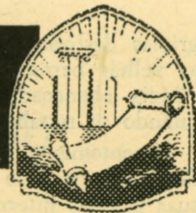
“Não procure decidir as contendas de grupos em divergência. Leve-os a resolverem por si mesmos suas questões. Não poderemos obrigar ninguém a fazer alguma coisa. O nosso dever é irmos ter com êles e pedirmos que se unam.

“Dirija os pensamentos dos litigantes para um ponto no qual se harmonizem e logo surgirá um acôrdo. Não há entre os homens conflito para o qual não possa haver um comum acôrdo. Procure êste e firme-o.” — *David Guy Powers, Live a New Life*, pág. 68.

É evidente que os desentendimentos que separam os membros de nossas igrejas não podem ser comparados com as greves e litígios trabalhistas, mas o mesmo princípio pode ser aplicado com êxito.

O fiel pastor se esforçará sempre por remover tôdas as discórdias, promovendo, em seu lugar, harmonia, unidade e cooperação.

As lutas internas, as controvérsias e discórdias, trazem mais danos ao reino de Deus que a sistemática e impertinente oposição dos ad-



Confiança Entre os Irmãos

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Divisão Sul-Africana



—QUE abençoada experiência estar de nôvo com os obreiros de Deus, após haver ficado separado todos êstes desolados anos! Quem assim falava era um homem de idade avançada, sentado do outro lado em que eu estava, à mesa de hotel. Assistíamos à assembléia duma União-Associação. Após haver passado aproximadamente trinta anos distanciado de seus irmãos, êste antigo líder em Israel finalmente voltara para o povo de Deus. Durante os dias em que estivemos e oramos juntos, repetidas vêzes expressou a grande alegria que lhe enchia o coração por se reunir novamente com “os irmãos”.

versários do evangelho. Por isso Davi exaltou a beleza do companheirismo e cooperação cristãs, cantando: “Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!” Salmo 133:1.

Eu poderia contemplar durante horas, sem evidências de cansaço, u’a máquina de imprimir em operação. Há milhares de pequenas peças, cilindros, alavancas, parafusos e muitos outros acessórios que trabalham juntos, cada um em seu lugar correspondente. Com unidade de movimentos e harmonia de conjunto a máquina engole bobinas de papel, vomitando-as impressas, em forma de diários e livros.

Como a máquina impressora, assim deve ser a igreja. Entretanto, vale que se acentue, a unidade dêste conjunto muito depende da atuação do pastor e do comportamento de cada um dos seus membros.

Que Deus nos inspire em nosso ministério para que, eliminando divergências e conciliando os espíritos, saibamos somar as fôrças existentes na igreja, conduzindo-as como um regimento unido na luta contra os poderes confederados do mal.

Êste recém-conhecido meu suportara pesadas responsabilidades na causa de Deus. Fôra presidente duma de nossas maiores uniões-missões. Então surgiram os mal-entendidos. Lançaram-se calúnias sôbre a sua liderança. A confiança foi quebrada e o oprimido líder não mais pôde suportar as responsabilidades. Apartou-se. Seus lábios não me revelaram êstes detalhes. Ele estava por demais feliz na restabelecida amizade com “os irmãos”. Outros amigos compuseram a história para mim, entre as reuniões.

Quem poderá saber das solitárias horas, dos pesares e da luta contra a amargura que êste oprimido homem de Deus experimentou por trinta anos! Tudo porque a confiança foi desfeita!

“Satanás . . . sabe que se puder pôr irmão a vigiar irmão, na igreja e no ministério, muitos ficarão tão desanimados e desencorajados que deixarão seu pôsto de dever.” — *Testemunhos para Ministros*, pág. 189.

Como é lamentável quando os homens ficam com o coração magoado e o espírito oprimido pela indelicadeza e falta de confiança até isso os obrigar a sair da obra e, às vêzes, da igreja! Quanto necessitamos de confiança entre os irmãos nas nossas fileiras de obreiros!

Algum tempo atrás, dirigi uma série de reuniões de reavivamento numa de nossas igrejas. Trinta anos antes, dois irmãos daquela igreja perderam a confiança um no outro. Durante êstes longos anos, raramente haviam falado entre si. Perante os mútuos conhecidos, faziam uma invectiva de crítica dum contra o outro. Era uma coisa terrível! Dividia os membros da igreja. A atitude dos irmãos litigantes se refletia em duas facções que se desenvolveram na igreja. Males sem conta provieram para a causa. Fiquei grato pelo que o Espírito de Deus fez, por êstes dois desafetos membros, nas duas semanas de reuniões de reavivamento. Com lá-

grimas deslizando pelas faces, abraçaram-se, e as velhas barreiras desapareceram. Que experiência abençoada adveio para tôda a igreja, quando se restabeleceu a confiança!

Recentemente, estava lendo o jornal diário de Salisbury, *The Rhodesia Herald*. Numa de suas páginas internas, em títulos pequenos, encontrei estas palavras: "*Confiança É A Nossa Necessidade*". Eram palavras dirigidas ao *Rotary Club de Salisbury* pelo Primeiro Ministro da Rodésia do Sul, Sir Edgar Whitehead. Estas palavras apareceram distintamente perante mim. "*Confiança É A Nossa Necessidade*" — São palavras que constituem uma mensagem desafiante para os obreiros na causa de Deus, hoje em dia. Devido à urgência da hora, devido à iminente aparição do Mestre, devido ao repto da tarefa inacabada, não há nada que nós como obreiros mais necessitemos do que a confiança em Deus e um no outro.

Quando lia a afirmação de Sir Edgar, estas palavras do apóstolo Paulo reluziram-me na mente: "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança". (Hebr. 10:35). Isto êle aconselhou aos hebreus de seu tempo e aos obreiros adventistas do presente.

Vivemos em tempos de ansiedades e agitação. Devido à falta de confiança internacional, o mundo treme na guerra fria. A suspeita atormenta as mentes dos dirigentes mundiais. Parece que não se encontra nenhuma base de confiança entre o Oriente e o Ocidente. Tudo que um lado propõe, com certeza o outro irá contrapor. Intenções sinistras são atribuídas a ambos os lados. Pressões e tensões provam êste velho mundo em muitas regiões.

É algo torturante e terrível quando existe tal falta de confiança entre os dirigentes do mundo. Mais lamentável ainda é quando tais sentimentos se insinuam entre membros e obreiros na causa de Deus. O movimento adventista é um movimento internacional. Ademais, reúne várias raças e diferentes tipos de personalidades e índoles entre os povos representados. É-nos muito importante recordar que, indiferentemente da bandeira ou raça que ostentamos, somos primeiramente cristãos. Como seguidores do Senhor Jesus Cristo, deve haver confiança entre nós.

Vivendo no mais crítico período da história do mundo e da igreja, quando contendamos, tensões e desconfiâncias de tôda a espécie predominam em nosso redor, creio que a mensagem de Deus para todos nós como obreiros é: "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança". Não devemos permitir que a desconfiância ou a sus-

peita do mundo em volta de nós se insinuem em nossas fileiras. Não deve haver falta de confiança, inquirição ou impugnação de motivos e falta de fé entre os que levam os vasos do Senhor nestes solenes tempos em que vivemos.

Todo o obreiro entre nós se interessa em ser um trabalhador de êxito. Anelamos e oramos por poder no ministério. Diariamente rogamos a Deus que nos use na expansão e terminação de Sua obra, em nossa parte da vinha. A mensagem do Senhor claramente delinea as condições para o êxito e o poder na vida e no trabalho. Fariamos bem em ler freqüentemente as palavras que seguem: "O êxito de nossa obra depende de nosso amor a Deus, e nosso amor aos semelhantes. Quando houver ação harmoniosa entre os membros individuais da igreja, quando houver manifesto amor e confiança dum irmão para com outro, haverá proporcional força e poder em nossa obra, para a salvação dos homens." — *Testemunhos para Ministros*, pág. 188.

"Manifesto amor e confiança dum irmão para com outro" proporcionarão êxito e poder ao trabalho.

Que É Confiança?

A palavra confiança vem do infinito latino *confidere*, e, como tal, significa ter fé. Se confiamos nos bons préstimos duma pessoa, se temos fé em sua sinceridade, embora nem sempre concordemos com seus pontos de vista e com a maneira em que faz as coisas, ainda podemos reter a confiança nela. A confiança não faz de alguém um carimbo de borracha. Torna-o caritativo. Produz certeza e fé na sinceridade e nas intenções dos irmãos.

A confiança não é alguma coisa que podemos reclamar por direito. Mesmo nossa posição na obra de Deus pode exigí-la apenas condicionalmente. A confiança é algo que devemos merecer. Confiança gera confiança. Ela é uma qualidade tão prodigiosa como o amor. Quanto mais a manifestarmos aos que nos rodeiam, tanto mais aumentará e tornará para nós. Há algum colega na obra que suspeita de nós, e cuja confiança aparentemente não desfrutamos? Confiamos nós nêle? A confiança é uma rua de duas vias, e exige que dois transitem por ela. Podemos, também, compará-la a um assento de quatro pernas. Se uma delas é removida, o assento perde a estabilidade.

"Nutramos o espírito de confiança em... nossos irmãos". — *Idem*, pág. 500.

Os Cultos Sincréticos

e o Adventismo do Sétimo Dia

G. OOSTERWAL *

Secretário de Educação e Temperança na Missão Ocidental da Nova Guiné



DESDE o fim do século passado, muitos movimentos religiosos foram noticiados em territórios onde as tribos nativas entraram em contato com a civilização européia.

De 1870 a 1890, os movimentos da Dança dos Mortos alastraram-se pelas regiões índias dos

Estados Unidos.¹ Shamans se levantou e prendeu o breve regresso dos mortos e a vinda do grande "Búfalo". Movimentos religiosos idênticos são conhecidos entre os índios da América do Sul. Os índios guaranis e tucunas, por exemplo, esperavam o fim deste mundo e o breve início de um "mundo sem maldade", onde não mais houvesse doença e morte.² Os estudos de Sundkler³ e Sclosser⁴ sobre mais de 1.200 movimentos proféticos e sincréticos na África, demonstram claramente o quanto esses cultos nativos são conhecidos na África. Existe uma ampla bibliografia sobre os movimentos religiosos da Oceania (Polinésia, Micronésia e Melanésia), em que os nativos aguardam o breve regresso de um ancestral (mitológico), a ressurreição dos mortos e a vinda de um novo mundo sem doença e morte.⁵

Na Oceania geralmente se dá a esses cultos sincréticos o nome de "cargo-cultos". "Cargo", ou melhor, "Kago" é um termo do jargão inglês usado para designar a riqueza européia. Neste artigo limitar-me-ei principalmente a esses "cargo-cultos" da Oceania, pois é em conexão com eles que repetidas vezes se mencionou o nome da Missão Adventista do Sétimo Dia. Numerosos autores relacionaram esses movimentos sincréticos com os ensinamentos dos adventistas do sétimo dia. Kamma declara, em seu bem conhecido estudo sobre os movimentos messiânicos dos países baixos da Nova Guiné: "Os cultos sincréticos na região oriental da Nova Guiné parecem ser incitados em grande medida pelo trabalho dos adventistas do sétimo dia."⁶ G. H. Granswick e J. W. H. Hevill⁷, no estudo que fizeram sobre os cultos sincréticos em Papua, acusaram os adventistas do sétimo dia

de "despertar" os referidos cultos em Papua. Van Baal também menciona a Missão Adventista do Sétimo Dia em conexão com os cultos sincréticos no território da Melanésia, e com alguns "movimentos espíritas".⁸ Numa quantidade de livros e artigos, não tão bem conhecidos, sobre os cultos sincréticos na Melanésia, tais acusações foram repetidas.⁹

Parece ser conveniente reconsiderar essas acusações. Os cultos sincréticos amiúde causaram muito dano às pessoas participantes e à ordem estabelecida. Agitação, destruição de alimentos, queima de casas e outras coisas valiosas, psicose das massas, o fenômeno dos transe e das obsessões, homicídios, rebelião, revolução contra o governo (dos brancos), etc., são características comuns desses movimentos. A acusação de os adventistas despertarem tais cultos é muito séria.

Cultos Sincréticos

Dificilmente se encontrará na Nova Guiné e nas ilhas adjacentes uma região que não tenha sido influenciada pelos cultos sincréticos. Apesar de seu caráter desigual, esses cultos têm muitos traços em comum. Ei-los: 1) As pessoas aguardam a breve volta de um antepassado (mitológico) e a ressurreição dos mortos; 2) então se estabelecerá uma nova ordem onde não mais existirá fome, doença, ou morte; 3) o antepassado e os mortos voltarão com navios cheios de "cargas", tais como roupas, machados, facas, motores de pópa, aviões, etc.

Ao longo da costa o povo construiu desembarcadouros onde os navios possam atracar. Os povos do interior fizeram pistas para os aviões aterrissarem. Em regiões não atingidas pela civilização européia, espera-se que os "navios" que trarão o antepassado, os mortos, e a "carga", provenham das sepulturas. "Noites inteiras o povo canta e dança sobre as sepulturas para saudar *Djeeuwme* (o antepassado) e os *warrria* (os espíritos dos mortos)". Sobre os sepulcros construíram-se grandes casas, onde se supõe que os *warrria* irão acumular as caixas e malas cheias de roupas, machados, fumo e outras cargas. Mataram-se todos os porcos, e,

* O Dr. Oosterwal é um dos nossos conceituados obreiros na Nova Guiné, e se especializou em antropologia.

até ao regresso de *Djeeuwmé*, a ninguém mais se permitirá comer carne de porco.

As casas na vila foram tôdas queimadas. — Moraremos em casas de tijolos, foi dito aos aldeões. Outros bens, por êles mesmos preparados, também foram destruídos. — Teremos abundância de alimentos, roupas (trajes brancos) e qualquer coisa que desejarmos quando *Djeeuwmé* chegar. Nenhum de nós mais ficará doente. Nenhum de nós mais terá fome. Ali nunca mais ficaremos cansados, mesmo que dançemos por noites consecutivas. Jamais alguém morrerá. — Como *Djeeuwmé* demorou a vir, alguns caíram em êxtase. Certa noite, o povo ouviu as vozes de *Djeeuwmé* e dos *warria* como o chilrar de pássaros. — “Êles estão chegando — gritou o povo — Êles estão chegando e trazem carga para nós. Já ouvimos o somido do mar nos sepulcros — Mas nada aconteceu.”¹⁰ Este é um breve resumo de um relatório sôbre um culto dêles no território Mamberamo. As mesmas palavras poderiam ser empregadas para descrever um culto semelhante em qualquer parte da Oceania. Os europeus freqüentemente são acusados pelos nativos de retardarem a volta do antepassado, ou de conhecerem o segredo de ficarem com a “carga” para si mesmos. Conseqüentemente, surgem movimentos nacionalistas e contra os estrangeiros; casas são queimadas e os moradores perturbados. O vocábulo “loucura” foi algumas vêzes aplicado a essas irrupções. Nos Estados Unidos, tais movimentos na África, Ásia e Oceania são muitas vêzes confundidos com a agitação comunista, com a qual certamente nada têm que ver. É u’a maneira primitiva de descobrirem um mundo melhor para si mesmos, um mundo sem “maldade”, onde as pessoas poderão ser felizes.¹¹

Para uma descrição mais detalhada dêesses cultos sincréticos, reporto-me à literatura que há sôbre o referido assunto.¹² Esta breve resenha, entretanto, prestará para êste propósito. Expõe os aparentes pontos de identificação entre as crenças dos cultos sincréticos e as doutrinas adventistas do sétimo dia:

Crenças dos Cultos Sincréticos

A breve volta do antepassado, seguida pela ressurreição dos mortos.

Aproxima-se um nôvo mundo, sem fome, doença, morte, etc. Será um mundo de abundância e sem maldade. Não existirá mais morte; ninguém ficará enfêrmo; ninguém envelhecerá ou ficará cansado.

O antepassado será a única “autoridade”. Todos os povos o honrarão “com novos cânticos”.

Tôdas as pessoas irão trajar “roupas novas e brancas”.

Proíbe-se comer carne de porco.

Ensinos dos Adventistas do Sétimo Dia

A breve volta de Jesus. Os mortos ressuscitarão por ocasião da vinda de Jesus.

Os justos herdarão a Nova Terra, onde não mais haverá tristeza. “Jamais terão fome, . . . pois o Cordeiro . . . os apacientará . . . E Deus lhes enxugará dos olhos tôda lágrima.” (Apoc. 7:16 e 17). Também Apoc. 21.

O Cordeiro terá todo o “poder, e riqueza, e sabedoria, e fôrça, e honra, e glória, e louvor.” (Apoc. 5:12). “E entoavam nôvo cântico, . . .” (Apoc. 5:9).

“Depois destas coisas vi, e eis grande multidão . . . vestidos de vestiduras brancas . . .” (Apoc. 7:9). Também Apoc. 3:4 e 5.

Os adventistas do sétimo dia se abstêm de comer carne de porco.

São estas semelhanças que dão aos “cargocultos” uma aparência de sincretismo. São estas semelhanças que levaram diversos autores a acusar os adventistas do sétimo dia de serem a “fonte” dessas crenças, que originaram os “cargocultos”. No entanto, como se verá mais adiante, êstes autores errôneamente confundiram a sombra com a substância.

O Parecer da Antropologia

Os cultos sincréticos geralmente são descritos como uma “situação crítica”, resultante do contato entre as tribos nativas e a civilização cristã-européia. Declara Firth, antropologista britânico de renome: “Êles são essencialmente reações às novas fôrças introduzidas através do contato com o Ocidente.”¹³ O desejo ardente por riqueza material — por carga — entende-se como um resultado da ligação com a superior civilização material do Ocidente; enquanto que a volta do antepassado, a aproximação de um nôvo mundo, a ressurreição dos mortos, etc., consideram-se como resultado do ensino cristão, no caso, o ensino adventista do sétimo dia. Certamente qualquer adventista do sétimo dia admitirá, à primeira vista, a semelhança entre essas crenças “carga” e as suas próprias. Devido às outras denominações dificilmente mencionarem a verdade da breve volta de Jesus, a ressurreição dos mortos, a abstinência da carne de porco, etc., a Missão Adventista do Sétimo Dia, mais do que qualquer outra sociedade missionária cristã, é acusada de despertar ou incitar êsses “cargocultos”.

Recentemente surgiu outra opinião antropológica. Os antropologistas culturais não mais encaram os cultos sincréticos como “grave desajustamento social” ou “reação em circuito”, mas como um culto autenticamente nativo. K. E. Read, P. Lawrence, F. C. Kamma e G. Oosterwal nos estudos que fizeram a respeito des-

ses cultos mostram que as crenças concernentes à vinda do antepassado, à volta dos mortos, e à aproximação duma nova terra, sem maldade, enfermidade, morte, etc., já eram conhecidas antes que estes povos nativos entrassem em contato com as missões cristãs e com a civilização ocidental. "O culto sincrético tem um caráter genuinamente nativo. Em essência, é apenas um dos muitos cultos 'da fortuna', que são conhecidos nesta região, tais como os relacionados com as casas e as flautas sagradas." ¹⁴ As *ennemaree* (cerimônias de sepultamento) claramente demonstram isto, o que também se reflete nos mitos e no canto. ¹⁵ Durante as antigas cerimônias de sepultamento, o povo de Mamberamo já cantava a volta de *Djeeuwme* e a ressurreição dos mortos. Quando *Djeeuwme* chegar, dizem êsses mitos e cantos, os mortos se erguerão e virá um novo mundo sem maldade, doença e morte. Lawrence escreveu: "O ritual dos cultos sincréticos é, pois, o mesmo em essência que o ritual da religião pagã de Garia." ¹⁶ Read e Kamma provam a mesma coisa.

Mooney ¹⁷ já salientara que a crença na vinda do "Messias" que haveria de restaurar o "paraíso" sobre a Terra, era uma crença universal entre os índios. Mais tarde Spier demonstrou brilhantemente que a Dança dos Mortos entre os Sioux não foi proveniente de seu contato com o Ocidente, mas que surgiu das próprias percepções do mundo indígena. ¹⁸ O mesmo é verdade com respeito às crenças dos índios da América do Sul e dos povos da África e Oceania. Muitos autores cometeram a grande falta de facilmente concluírem que tudo o que aparentemente se pareça com a doutrina adventista do sétimo dia, deve originar-se desta fonte. Em conexão com isto, Cora Du Bois tem algo de valioso a dizer: "Sem se basear na velha cultura, a doutrina adventista e revivalista foi inexpressiva".

Além disso, mais de uma vez se tornou visível que os autores que acusam os adventistas do sétimo dia de avivarem os cultos sincréticos não foram inteiramente imparciais. Kamma, ministro da Igreja Reformada Holandesa, certa vez acusou um adventista do sétimo dia de haver incitado o bem conhecido "Movimento de Sansão", no norte da Nova Guiné, ao passo que as fontes diretas revelavam que Sansão fôra influenciado por um espírita.

Os antropologistas culturais presentemente concordam em que "os cultos sincréticos devem ser observados em sua perspectiva cultural, contra o fundo da vida indígena". ¹⁹ De estudos antropológicos de confiança se conclui que as crenças num "salvador" vindouro, a ressurreição dos mortos, a aproximação de um novo mundo, sem maldade e morte, e mesmo a proibição

de comer carne de porco, são de um genuíno caráter nativo, e não o resultado do trabalho dos adventistas do sétimo dia. Evidentemente, esta é a opinião da administração dos Países Baixos em Nova Guiné, pois, há pouco tempo, quando surgiu um muito grande movimento sincrético nos Países Baixos da Nova Guiné, o governo solicitou que eu — um ministro adventista do sétimo dia e antropologista — fôsse investigar o movimento e prestasse um relatório sugestivo.

A Opinião Adventista

Os missionários adventistas do sétimo dia devem prevalecer-se do auxílio prático que a antropologia cultural oferece. ²⁰ Será valioso apreender estudos antropológicos sobre o povo a que se deseja comunicar o evangelho, e se tomaram providências para isto nos arranjos sobre o estudo de línguas, nos Regulamentos da Associação Geral. Em relação com o assunto que apresentamos, o conhecimento de trabalhos antropológicos é indispensável. ²¹ Embora seja certo que os missionários adventistas do sétimo dia não despertem os cultos sincréticos, a influência de seu trabalho sobre êsses cultos é inegável. É verdade que numa tal situação, em que o povo já aguarda a breve volta de um "salvador" e a ressurreição dos mortos, e onde os mitos e cânticos refletem êsse desejo, um homem branco, embora inconsciente, pode estimular e promover um culto sincrético. O antropologista Lawrence, por exemplo, se defrontou com esta situação. Tornou-se "o centro de rumores que, se recebessem a apropriada animação, bem poderiam ter-se desenvolvido num amplo movimento sincrético." ²² Essa "apropriada animação" sem dúvida advém dos ensinamentos dos adventistas do sétimo dia sobre a breve volta de Jesus, a ressurreição dos mortos, a abstenção da carne de porco, etc. Por um lado, portanto, nossa mensagem encontra ouvintes receptivos nos territórios em que dominam os "cargo-cultos", e uma parte do êxito de nossos missionários na Nova Guiné deve ser atribuída a êsses "pontos de contato para identificação." O perigo está em que as doutrinas adventistas do sétimo dia, se desvirtuadas, poderiam realmente reavivar as velhas crenças e promover um culto sincrético.

O missionário tiraria muito proveito de um estudo continuado e intensivo da língua, da história, das religiões e dos costumes das pessoas pelas quais trabalha.

Uma ajuda maior ainda se obteria do estudo dos movimentos religiosos nativos, ao redor do mundo. Algumas vezes perguntamos qual a melhor maneira de levar nossa mensagem aos milhões que habitam sobre a Terra. Recen-

temente Harry W. Lowe chamou-nos a atenção para a seguinte declaração de P. E. Hugues, em *Christianity Today*, de 31 de julho de 1961: "Um bilhão e quinhentos milhões, dos dois bilhões e novecentos milhões de habitantes do mundo, jamais ouviram a mensagem do evangelho." Acrescentou o pastor Lowe: "Tão enorme é a tarefa, do ponto de vista humano, que só poderá ser realizada por meio dum poder espiritual, até agora desconhecido."²³ Deus tem Sua maneira peculiar de terminar a obra! Quando Jesus veio a primeira vez, o mundo estava pronto para receber o Salvador. A "plenitude dos tempos" não se refere apenas ao aspecto cronológico, mas também a essa prontidão espiritual. O mesmo se refere ao presente. O tempo é curto. O mundo está maduro para a vinda de um "salvador". "A seara na verdade é grande", de conformidade com a expressão bíblica (S. Mat. 9:37). À vista disso, podemos interpretar muitos dos cultos sincréticos e movimentos religiosos na Oceania, África, Ásia e América do Sul. Há o anelo por um Salvador, por um mundo sem pecado e fome; sem doença e morte.

Não é de todo estranho que um nôvo despertar desse "desejo dos séculos" se realizasse no fim do século passado e nos primeiros sessenta anos do atual. É uma nova prova de que "a ceifa é o fim do mundo" (S. Mat. 13:39). A maneira em que essa "maturidade espiritual" se revela poderá ser rude e "incivilizada". Mas é uma resposta exata, primitiva e emocional à revelação divina. Não nos iludamos com a sua forma. Seu conteúdo demonstra o desejo ardente por um Redentor, por um mundo melhor sem maldade, e por uma visão profética da breve realização dos mesmos. Neste sentido, é notável o paralelo com a primeira vinda de Jesus. Ellen G. White declara corretamente: "Fora da nação judaica houve homens que predisseram o aparecimento de um instrutor. Esses homens andavam em busca da verdade, e foi-lhes comunicado o Espírito de inspiração. Um após outro, quais estrélas num céu enegrecido, haviam-se erguido esses mestres. Suas palavras de profecia despertaram a esperança no coração de milhares, no mundo inteiro."²⁴

O mesmo é verdade no presente. Que desafio para nós! Que privilégio é ser coobreiro com Deus neste tempo do fim!

REFERÊNCIAS

1. J. Mooney, *The Ghost Dance Religion and the Sioux Outbreak of 1890*. Washington, 1896.
2. C. Niuméndaju. "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Apocuvua - Guarani." *Zeitschrift für Ethnologie*, 46, pág. 248-403.
3. Bengt G. M. Sundkler. *Bantu Prophets in South Africa*. Londres, 1948.
4. K. Schollosser. *Propheten in Africa*. Braunschweig, 1948.
5. I. Leeson *Bibliography of Cargo-cults and Other Nativistic Movements in the South Pacific Comission*. Sidnei, 1952
6. F. C. Kamma. *De Messiaanse Koréri-bewegingen in het Biaks-Noemfoorse cultuurgebied*. Haia, 1954, pág. 208.
7. G. H. Granswick and J. W. H. Hevill. *A New Deal for Papua*. Londres, 1949, pág. 90.
8. J. van Baal. "Algemeen culturele beschouwingen," in W. C. Klein, *Nieuw Guinea*, Vol. 1, págs. 243-246 (1956).
9. F. C. Kamma. *Papoesch adventisme, Opwekker*, 1940. Artigos em "Kruis en Korwar," 1955.
10. G. Oosterwal. "A Cargo-Cult in the Mamberano Area." *Anthropological Report*, Nº 3. Holanda, 1962, págs. 12-22.
11. G. Oosterwal. *Papoea's, mensen zoals wij*. Baarn, 1961, págs. 112-143.
12. F. E. William "The Vailala, Madness," *Territory of Papua Anthropology Report*, Nº 4. Pôrto Moresby, 1923.
- J. Guiart. "The John Frum Movement in Tanna". *Oceania*, Vol. XXII, março de 1952, pág. 163. Kamma. *Obra cit.*
- G. Oosterwal. "A Cargo-Cult in the Mamberamo Area," 1962
- I. Leeson. *Bibliography of Cargo-Cults and Other Nativistic Movements in the South Pacific*, 1952.
- R. M. Berndt. "A Cargo Movement in the East Central Highlands of New Guinea." *Oceania*, Vol. XXIII, Nos. 1-3, 1952-53, págs. 40-137.
13. R. Firth. *Elements of Social Organization*, 1952.
14. G. Oosterwal. *People of the Tor*. Um estudo cultural-antropológico sobre as tribos do território Tor. Assen, 1961.
15. G. Oosterwal "A Cargo-Cult in the Mamberamo Area, *Anthropological Report*, No. 3, 1962.
16. P. Lawrence. "Cargo-Cult and Religious Beliefs Among the Garia," *International Archives for Ethnography*, Vol. XLVII, Nº 1, 1954, págs. 1-20.
- K. E. Read "A 'Cargo' Situation in the Markham Valley, New Guinea", *Southwestern Journal of Anthropology*, Vol. 14, Nº 3, 1858, págs. 273-294.
17. Mooney. *Obra cit.*, págs. 650 e seguintes.
18. L. Spier "The Prophet Dance," *General Series in Anthropology*, Menasha, 1935.
19. Berndt. *Obra cit.*, pág. 40.
20. G. Oosterwal. "Anthropology and the Missionary" (Uma palestra, 1952), pág. 5.
21. O autor deste artigo uma vez sugeriu (Ver G. Oosterwal, "Anthropology and the Missionary," págs. 5 e 6) que cursos sobre antropologia social fossem apresentados em nossos colégios missionários, e universidades. Lamentamos que o preparo para os deveres missionários, nesse sentido, esteja tão atrasado.
22. Lawrence. *Obra cit.*, pág. 3
23. *The Ministry*, dezembro de 1961, pág. 48.
24. Ellen G. White. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 24.

Cantando

"Com o Espírito e o Entendimento"

GERY P. FRIESEN

Cantor-Evangelista na Associação Georgia-Cumberland



TODOS temos sentido o poder do canto. "É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais." — *Evangelismo*, pág. 496. O Senhor usou esses meios muitas vezes, com grande vantagem. Por esta razão o diabo procurou fazer mau uso deles, imitando

do sua maneira típica de apresentar uma contrafação para cada verdade.

No terreno da música é fácil desviar-se para um lado ou outro. Há música que é pesada e inexpressiva, comum no canto de óperas que, nos é dito, "não agradam aos anjos". — *Idem*, pág. 510. Hoje em dia prevalece uma espécie de música dissonante, barata e dum sentimentalismo fútil, que se canta em nome do culto religioso. Há também a tendência, da parte de alguns, de prescindir quase que completamente do serviço do canto — enquanto que outros dedicam tempo demasiado para o mesmo, utilizando-se imprudentemente dos áureos momentos da reunião. Outros tendem para as composições teatrais na hora do programa musical, tornando esta parte do culto uma ocasião para exibição pessoal. A instrução dada é que se devem usar cânticos suaves e simples, em que toda a congregação possa tomar parte. O ideal deve ser cantar essa música "com o espírito e com o entendimento". — *Idem*, pág. 509.

A Importância do Serviço do Canto

"O canto é uma parte do culto de Deus, porém na maneira estropiada por que é muitas vezes conduzido, não é nenhum crédito para a verdade, nenhuma honra para Deus." — *Idem*, pág. 506. Sabemos, então, que o canto é uma parte do culto — não um passatempo até que o povo chegue, mas uma parte integrante do todo. Nosso principal propósito é pregar a verdade e honrar a Deus. Isto pode ser realizado no bem dirigido serviço de canto. Não houvesse a possibilidade de fazê-lo duma "maneira estropiada", a inspiração não nos advertiria contra isto. O diabo quis desvirtuar os melhores designios divinos, despojando-nos de bênção durante esta parte do culto. Quão im-

portante, pois, que aprendamos a tirar o máximo proveito da mesma! Ninguém conhece todas as soluções, mas aqui aparecem algumas convicções e idéias, que selecionei.

Organização

"Deve haver sistema e ordem nisto (na música), da mesma maneira que em qualquer outra parte da obra do Senhor." — *Idem*, pág. 506. A parte musical do culto deve ser muito bem organizada. Os ministros precisam saber que variações haverá — e quando. Uma maneira de conseguir isto é tirar diversas cópias do programa do serviço de canto e dar uma para cada participante. O chefe dos acomodadores também deveria ter uma cópia para saber quando deverá recolher a oferta, etc. Dêste modo todo o programa da noite pode desenrolar-se sem qualquer confusão. Geralmente o cantor-evangelista terá a responsabilidade de coordenar o programa da noite — indicando quem deverá orar, recolher a oferta, etc. Isto exigirá preparo antecipado, mas a importância desta parte do programa, fá-lo necessário.

Que Espécie de Música se Deve Usar

"A música deve possuir beleza, poder e facilidade de comover." — *Idem*, pág. 505. Isto eliminaria os corinhos levianos e a inexpressiva música de ópera. Entretanto, há corinhos que correspondem às especificações, como: "Vejo a Cristo"; "Quero Ser Leal"; "Maravilhoso Jesus", etc. A instrução inspirada é que esta música deve ser "canto suave e simples", entoado "em tom natural" e "com o espírito e o entendimento." — *Idem*, págs. 509 e 510.

O Côro

"Organizai um grupo dos melhores cantores, cuja voz possa guiar a congregação, e depois todos quantos queiram se unam com eles." — *Idem*, pág. 506. O côro é incomparável em seu poder para o bem, no culto. Enquanto o povo está chegando para o local da reunião, o côro pode estar ensaiando. Cria-se assim uma atmosfera propícia à atuação do Espírito de Deus. Os anjos estão presentes para cantar com eles. Os cantores disponíveis podem não ser os

melhores, mas se as vozes estiverem unidas, ao se cantar em partes, Deus dará a bênção e os anjos "tomam o estribilho entoado de coração, com o espírito e o entendimento." — *Idem*, pág. 511. Amigos que não são membros podem ser convidados a se unirem com o grupo, tornando assim o côro uma agência ganhadora de almas. Após o ensaio de aproximadamente vinte e cinco minutos, em que cânticos bem conhecidos são entoados — alguns para apresentação futura, outros apenas pelo prazer de cantar, faz-se uma oração em que se suplica a bênção do Céu sobre o restante da música, e se roga também pelo orador e pelos que compareceram. Isto ajuda a colocar a devida ênfase sobre a música. Ocorre quatro ou cinco minutos antes da anunciada reunião. Enquanto o piano ou órgão continua tocando, o cantor-evangelista se une em oração aos outros ministros, no quarto ao lado, antes que o culto, propriamente dito, comece.

O Serviço do Canto

Na hora anunciada, o cantor-evangelista, acompanhado por todos os ministros participantes, sobe à plataforma. Ao os ministros subirem à plataforma, faço o coral levantar-se e cantar o côro do "Mais de Cristo". Este cântico é apresentado em cada culto, como um tema de abertura. Há outros hinos que também poderão ser utilizados. Então volto e estendo as boas-vindas aos presentes, e o serviço do canto começa. "O mais freqüentemente possível, una-se tôda a congregação" no canto. "O canto não deve ser sempre feito por uns poucos". Todos os presentes devem ser estimulados a tomar parte no serviço de canto." — *Idem*, pág. 507. Este é um conselho inspirado. O povo gosta de cantar — eles vêm para cantar, e, tendo-se apenas quinze minutos para o serviço de canto, estes serão melhor aproveitados, fazendo-se o povo cantar. Haverá tempo para aproximadamente quatro ou cinco hinos.

Durante o serviço de canto, esteja contente e radiantemente feliz, sem ser frívolo. Para continuar a dignificante atmosfera iniciada com o cantar do côro, costume fazer uma breve oração, depois de cantar o primeiro hino. Esta deve ser curta e ir diretamente ao ponto desejado. Por exemplo, pode-se orar assim: "Agradecemos-Te, Senhor, por esta oportunidade de cantar êstes hinos de louvor. Dá-nos esta noite um cântico no coração, porque T'o suplicamos em nome de Jesus. Amém!" Isto faz do canto uma parte do culto.

A última parte do programa de canto poderá ser um hino de entrega, como: "Jesus, Sempre Te Amo"; "Todo Teu"; "Salva-me Também". Peça-se ao auditório que se levante ao entoar êsse hino, ou por ocasião da última es-

trofe. Tudo estará pronto, então, para a oração inicial.

Como variação durante o programa de canto, o côro poderá ser convidado a cantar uma estrofe dum dos hinos. Periódicamente o coral poderá trazer uma seleção especial. Ocasionalmente, a outros grupos se permitirá aumentar o prazer e a inspiração do serviço de canto — mas, falando dum modo geral, deixe-se o povo cantar!

Muitos evangelistas solicitam um número especial antes do sermão. Tem-se assim a oportunidade e responsabilidade de apresentar um número que desperte a atenção de todos, preparando-lhes a mente para a mensagem. Se o cantor cantar o que sente e sentir o que canta, estará cantando "com o espírito e o entendimento". Esse cântico deve completar, se possível, a mensagem da noite. Entretanto, um hino bem espiritual e inspirador se adaptará quase a tôda mensagem.

Outra Variedade de Aspectos

1. *Familiarizando-se com as Pessoas.* — Na noite inicial, ou em ocasiões quando um número descomunal de visitas está presente, para fazer o auditório sentir-se à vontade e introduzir um espírito de confraternização, costume usar o hino: "Descansando Nos Eternos Braços". Depois de cantar uma estrofe, convidando os presentes a se porem de pé e apertarem as mãos de quem estiver perto. Depois que se tornaram conhecidos, digo-lhes o meu nome e apresento os instrumentistas. Daí cantamos mais uma estrofe daquele hino e os presentes são convidados a se assentarem. O programa de canto continua como foi planejado.

2. *A Noite Especial de Música.* — Haverá muitos que instarão convosco para apresentarem tal e tal cântico. Poderá ser que não sejam cantores qualificados. Escreva-lhes o nome e conserve uma lista de todos os prováveis cantores. Num sábado à noite, perto do fim da cruzada, anuncie uma noite especial de música, e faça todos os que foram anotados participarem. Este programa terá, necessariamente, de ser iniciado mais cedo do que o usual. Será um incentivador de freqüência, além de criar boa vontade entre os músicos. Aos membros do coral se dará prioridade na participação dessas noites, devido ao seu meticoloso comparecimento e à sua leal ajuda no programa.

3. *A Noite dos Pedidos.* — Esta é sempre uma noite agradável. Deve ser anunciada com muita antecedência. Na noite indicada, após o cantar da estrofe dum hino e a apresentação dum curta prece, solicite aos presentes que mencionem seus hinos prediletos. Logo que u'a mão se levantar, dê à pessoa o ensejo de citar

(Continua na pág. 18)

Nossa Afirmação e Obrigação

KENNETH H. EMMERSON

Tesoureiro-Associado da Associação Geral

I S. João 2:6: "Aquêle que diz que permanece nEle, êsse deve também andar assim como Ele andou." (Edição revista e atualizada no Brasil).

New English Bible Version: "Aquêle que afirma que permanece nEle, obriga-se a viver como Cristo mesmo viveu."

DESEJARIA iniciar minhas observações, esta manhã, com duas asserções que são as seguintes: Afirmações solenes exigem um andar e viver correspondentes, e grandes profissões envolvem grandes responsabilidades. Estas duas asserções estão arraigadas no versículo citado.

Examinemos a primeira delas: Afirmações solenes exigem um andar e viver correspondentes. Se afirmamos ou pretendemos permanecer em Cristo, obrigamo-nos a levar uma vida semelhante à de Cristo.

Nos dois versículos precedentes, João demonstra o fato de que a obediência é o fruto da salvação e não apenas um sentimento ou profissão. Demonstra também que a obediência é a prova do discipulado com Cristo. No livro *Vereda de Cristo*, às páginas 78 e 79, a mensagem do Senhor torna isto bem claro: "Se o coração foi renovado pelo Espírito de Deus, a vida dará testemunho dêsse fato... Ver-se-á uma mudança no caráter, nos hábitos e atividades. Será claro e positivo o contraste entre o que foram e o que são".

Lemos também em *Test. Seletos*, (Edição Mundial), Vol. 1, pág. 157:

"Não nos devemos medir pelo mundo, nem pelas opiniões dos homens, nem pelo que nós éramos antes de abraçarmos a verdade. Nossa fé e posição no mundo, porém, tais como são agora, devem ser comparados com o que poderiam ter sido, caso nossa direção tivesse sido sempre para a frente e para cima, desde que professámos ser seguidores de Cristo. Esta é a única comparação digna de confiança que se pode fazer."

Fariamos bem em considerar e adotar o que o Dr. J. Wilbur Chapman denominou "Minha Norma de Viver Cristão". Declara-a nestas palavras:

"A norma que orienta minha vida é esta: tudo o que obscurece minha visão de Cristo, ou remove minha predileção pelo estudo da Bíblia, ou restringe minha vida de oração, ou torna o

trabalho cristão dificultoso, é errado para mim, e preciso, como cristão, abandoná-lo."

Infelizmente, a norma do Dr. Chapman não é hoje facilmente aceita por muitos obreiros cristãos, e certamente não é o que o homem moderno mais deseja que se saliente em sua religião. Os modernos reavivamentos entre nós não produzem os frutos que foram expressos naquela norma. Obediência, disciplina e lei não são têrmos populares nos círculos religiosos ou populares desta geração. De preferência, enfatiza-se a independência, a exaltação da própria personalidade e a libertinagem. Restrições e regulamentos apenas aborrecem o povo.

Um dos grandes paradoxos do presente é que, embora pareça haver algum entusiasmo para reavivamento e manifestação religiosa, os governos do mundo se defrontam com a maior onda de ilegalidade. Creio que estarei certo ao dizer que nunca na história do mundo tantas pessoas se tornaram membros da igreja. A religião está, pois, progredindo rapidamente; no entanto, o mesmo sucede com o crime. Ninguém duvida, então, que a experiência religiosa de nosso tempo produziu muita adulação. Evidentemente o reavivamento consiste numa forma religiosa, a que falta obediência, disciplina e lei, que, se presentes, tornariam bem clara a confirmação de fé em Cristo.

O colunista e comentarista de renome, Drew Pearson, fala duma pergunta que lhe foi feita, certa vez, pelo netinho. Eis suas palavras:

"Meu neto de seis anos de idade, Joe, observava um avião arrastar um anúncio pelo céu. Dizia: 'Veja Agora êste Mundo Perdido'.

— Está o mundo perdido? perguntou Joe.

Enquanto o Sr. Pearson procurava uma resposta compreensiva, Joe deu sua própria resposta.

— Talvez, disse, as pessoas do mundo estejam perdidas."

Foi uma asseveração que hábilmente descreve a condição religiosa da maioria das pessoas.

O profeta Isaías escreveu de um mundo de trevas em seu tempo, e, indubitavelmente, suas palavras se aplicam com muito mais precisão à atualidade.

Porque eis que as trevas cobriram a Terra, e a escuridão os povos." Isaías 60:2.

Sim, a escuridão espiritual do povo deste mundo é enorme, apesar do despertamento religioso, que não parece ser uma experiência sentida no íntimo da alma, mas apenas algo formal e lisonjeiro. Não é esta espécie de experiência que Cristo espera de mim e ti, nem a experiência que o povo do mundo hoje tanto necessita.

Quando confirmamos que Cristo é uma Pessoa, temos de confirmar tudo aquilo em que Cristo está envolvido. É unicamente quando nos relacionamos com Ele em tôdas as coisas, que vivemos como Ele viveu. Então nossas vidas se tornarão exemplos nítidos de que vivemos em união com o próprio Cristo. Em *Atos dos Apóstolos*, pág. 551, diz a Sra. White:

“Para ter êxito em seus esforços devem os obreiros cristãos conhecer a Cristo; e para conhecê-Lo, precisam conhecer Seu amor. No Céu sua aptidão como obreiros é medida por sua habilidade em amar como Cristo amou e trabalhou como Ele trabalhou.”

Como ministros, penso que é bom relemos de vez em quando os votos de nossa ordenação, para que não percamos de vista quem somos. Somos ministros e obreiros de uma grande pretensão.

“Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assunto aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que êle apresente estas verdades ao povo em amor, e profundo zêlo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 159.

Quando nós, ministros e obreiros, combinarmos nossa afirmação, confissão e convicção com uma tremenda obrigação moral na vida, teremos então um poder irresistível.

Não pensais vós que chegou o tempo para o ministério A.S.D. e a operante força leiga se tornarem tão imbuídos da comunhão com Cristo, a ponto de os homens pararem, escutarem e seguirem seu exemplo? Não deveria o ministério, juntamente com os dirigentes das igrejas, ocupar o exato lugar no púlpito e na igreja, e desafiar, atrair e dirigir o pensamento do povo deste movimento, em vez de permitir que a liderança e orientação passem para movimentos separados e irmãos descontentes, que se encontram em confusão e discordância?

Um dos maiores perigos do Movimento Adventista tem sido o da divisão. Sem credo, mas com homens e mulheres ávidos para aprender a verdade, facilmente poderão surgir diferenças de opinião em doutrinas. Com o desejo e entusiasmo de espalhar a mensagem evangélica, podem desenvolver-se diferentes idéias quanto à melhor maneira de proceder.

Não nos esqueçamos, porém, de que “somos

cooperadores de Deus”. Se nos entregarmos inteiramente a Ele, instruir e guiar-nos-á. Ligou-nos a todos numa estreita unidade, e tudo o que venha perturbar esta unidade deve ser temido.

Então os instrumentos do despertamento serão os inteiramente consagrados ministros e obreiros da igreja, estreitamente ligados em unidade, e isto fará com que as pessoas se detenham para ouvir-nos, à Bíblia e aos escritos do Espírito de Profecia. Quando nossa conversão pessoal e nossa unidade forem verdadeiramente manifestadas e se tornarem o centro de nossa experiência com Cristo, faremos algo pelo povo e por aqueles aos quais transmitimos a mensagem.

Os outros nos observam — a mocidade de nossos colégios, os membros de nossas igrejas e as pessoas que não pertencem à nossa fé. Cristo é perfeito e nosso único exemplo. Não podemos imediatamente igualar êste perfeito Modelo em tudo, mas nós seremos aprovados por Deus se O não imitarmos e, de conformidade com a capacidade que Deus nos deu, não nos assemelharmos com Ele.

Unidade com Cristo, reforçada por uma vida dirigida por Cristo, não apenas desenvolve vidas e pregação poderosas, mas também a unidade duns para com os outros. O único lugar em que se pode buscar a unidade é ao pé da cruz. Só poderá ser obtida pela experiência pessoal da confirmação e da demonstração na vida.

“Necessita-se uma reforma ou despertamento entre o povo, mas primeiramente deve começar com uma obra de purificação entre os ministros”. — *Testimonies*, Vol. 9, pág. 469.

“Se os cristãos agissem de comum acôrdo, avançando como um só homem, sob a direção de um único Poder, para a realização de um só escopo, êles abalariam o mundo.” — *Test. Seletos*, (Edição Mundial), Vol. 3, pág. 343.

A segunda asseveração é: Grandes profissões envolvem grandes obrigações. Isto nos leva às penetrantes perguntas desta manhã: Qual é o nosso dever presente? Estamos cumprindo-o? Ou descansamos nos lauréis de passadas realizações?

Permiti-me chamar-vos a atenção para êste verso das Escrituras: ... (Jonas 1:2).

Ao eu hoje considerar nossa tarefa e obrigação, lembro-me de duas declarações da Sra. White, a primeira delas feita em 1900, quando disse:

“Caso houvesse sido executado o propósito divino de transmitir ao mundo a mensagem da misericórdia, Cristo já teria vindo à Terra e os santos teriam recebido as boas-vindas na cidade de Deus.” — *Test. Seletos*, (Edição Mundial), Vol. 3, pág. 72.

Em 1903, ela novamente esclareceu este pensamento, nestas palavras:

"Sei que, se o povo de Deus houvesse mantido viva ligação com Ele, se Lhe houvessem obedecido à Palavra, estaríamos hoje na Canaã celestial." — *Evangelismo*, pág. 694.

Nossa experiência tem sido idêntica à do soldado que não estava no posto indicado durante o ardor da batalha. Depois que a peleja passara, foi encontrado entretendo-se num jardim de flores. — Eu não estava causando nenhum dano, disse. Sim, não estava causando nenhum dano, mas tampouco lutara onde deveria estar.

Temos sido, como um grupo de obreiros, com o atual desafio para evangelizar, culpados de semelhante negligência? Talvez uma de nossas maiores faltas seja a de nossa santificada indiferença. Falamos de Cristo, mas recuamos da tarefa dinâmica de Lhe cumprir a incumbência. É mais fácil ocuparmo-nos com a parte mecânica dos projetos, com a organização e com os membros atualmente no rol da igreja — embora sejam importantes e necessários — do que destemidamente prosseguir com a evangelização dos milhões em nosso redor.

O mundo precisa ser advertido, e, para realisar isto, devemos utilizar tôdas as fôrças da igreja. O trabalho à nossa frente, como ministros e obreiros leigos, foi muito bem resumido, nas palavras escritas em 1895, por Ellen G. White:

"Repousa sôbre nós a pesada responsabilidade de advertir o mundo quanto ao juízo iminente. De tôdas as direções, de longe e de perto, ouvem-se os pedidos de auxílio. A igreja, inteiramente consagrada ao seu trabalho, deve levar a mensagem ao mundo... Um mundo, a perecer no pecado, deve ser iluminado. A pérola perdida deve ser achada. A ovelha perdida deve ser conduzida de volta, em segurança, para o curral." — *Evangelismo*, pág. 16.

O caminho mais fácil é cuidar do que já temos. Mas não permitamos que os relevantes detalhes de cuidar da igreja nos levem à inatividade em nosso real propósito — transmitir o evangelho ao mundo.

Há associações e missões que se salientam na recolta; têm uma média elevada de donativos para as missões, mas não estão crescendo. Ora, a recolta, os donativos para as missões e outras atividades são muito bons, mas devemos ganhar novas almas. As igrejas prosseguem em sua maneira habitual, enquanto almas se desviam; batizam crianças para contrabalançar isso, e parecem estar contentes e satisfeitas com essa situação.

Freqüentemente nós, os ministros e oficiais responsáveis da igreja, somos acalentados por duas classes de pessoas, nas quais faríamos bem em não confiar. São os bajuladores. São as

mesquinhas senhoras idosas que nos apertam a mão, ao saírem da igreja, e efusivamente nos declaram que aquêle foi o mais admirável sermão do mundo. Não o creiamos — é apenas bajulação! A outra classe em que não podemos confiar é a dos "irmãos visitantes", que chegam e nos dizem: "Esta é a mais notável corporação de obreiros da igreja, no mundo". Se somos tentados a acreditar nas idosas senhoras da porta ou nos irmãos visitantes, prestemos atenção a isto como um exemplo.

Numa associação, não direi onde, a igreja de maior crescimento, num período de dez anos, acusou um ganho líquido de 2,9 almas por ano; e, daí, os relatórios das outras igrejas vão decrescendo até o ponto de muitos deles registarem a perda líquida duma alma por ano. Pense que isto deveria ser motivo para solicitude e verdadeiro exame do íntimo.

De vez em quando declaramos que no próximo ano esperamos progredir no evangelismo. Tal afirmativa é idêntica à duma empresa de estrada de ferro ou de avião que proclama que irá incrementar os transportes. A ocupação duma companhia de estrada de ferro ou de avião é transportar, e o dever da igreja é evangelizar. É a principal ocupação de Deus para Sua igreja em todo e qualquer tempo.

A igreja começou com um grupo de crentes no Senhor, cheios do Espírito. Depois veio a organização. O simples se tornou complexo, e, destarte, se desenvolveu uma ampla organização que se tornou um fim em si mesma. Tende a ocupar-se tanto com a movimentação de suas próprias engrenagens, que pode ser comparada ao poço de petróleo que o não exporta, devido a empregá-lo todo na lubrificação do próprio maquinário. Os movimentos religiosos geralmente são pequenos no início, daí passam por sucessivas etapas de desenvolvimento e organização, e acabam sendo monumentos, a não ser que se tomem precauções.

Inclinamo-nos a dissipar as energias em questões secundárias. Colocamos tantas barras de ferro ao fogo, que nenhuma se abrasa. Não precisamos apenas de consagração, mas de consagração a nosso maior dever. Ouvimos do farenheiro que recebeu certa quantidade de óleo, para conservar o farol brilhando. Com boas intenções, porém, emprestou parte do mesmo a um pescador, para ser usado no barco; deu outra a um aldeão, a fim de utilizá-la na iluminação. Assim gastou o óleo, aqui e ali. De noite ergueu-se violenta tempestade, navios se afundaram e vidas se perderam, porque o óleo acabara e os refletores deixaram de iluminar.

A crise desta hora nunca será defrontada com pequenas e hábeis palestras sôbre acontecimentos em curso e por vendas de "Dorcas" no po-

(Continua na pág. 18)



Um Batismo Para Glória de Deus

EDUARDO TORREBLANCA

Pastor-Evangelista na Associação Central do Norte do Chile

“Dê-se ao ato (do batismo) toda a importância e solenidade que ele comporta. Essa cerimônia é sempre assinalada pela presença de anjos de Deus.” — *Evangelismo*, pág. 313.

ERAM quatro horas da tarde do sábado 3 de novembro de 1962, quando, atraída pela nova de que se efetuariá um batismo da Igreja Adventista do Sétimo Dia na piscina do Estádio Militar, uma multidão de aproximadamente três mil pessoas, se reuniu neste recinto, para presenciar o solene rito a realizar-se. Rodeado de árvores exuberantes e perfumadas flores, o imenso espelho das águas tranqüilas refletia a imponente turba. Tudo convidava ao recolhimento e à meditação nas coisas elevadas da vida, fazendo lembrar os tempos em que, nos campos da Judéia, os homens se aglomeravam em busca da bênção que Jesus lhes podia comunicar.

Não houve no ato uma única nota discordante. Tudo havia sido previsto e preparado com antecedência pelo corpo de pastores oficiantes, sob a orientação do pastor Enoque de Oliveira, diretor da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, em colaboração com o pastor José Torres, presidente da Associação Central do Norte do Chile. As pessoas que tomaram parte no programa, fizeram-no sem necessidade de qualquer anúncio, porque todos sabiam quando e como deviam desempenhar suas partes, para conseguir que a cerimônia constituísse uma mensagem de verdade para os presentes e uma honra para a causa de Deus.

Após um programa inspirador de música coral, o pastor Enoque de Oliveira tomou a palavra e com pinceladas magistrais desenhou o quadro do plano da salvação e realçou o glorioso significado do batismo cristão, cujos detalhes teríamos o privilégio de presenciar.

Os pastores Samuel Fayard, José Torres, Rubens Pereyra, Erwin Wandersleben, Carlos Busso, Carlos Avala, Omer Fonseca e o autor destas linhas administraram o sagrado rito às cento e dezoito pessoas que, constringidas pelo amor de Cristo, renunciavam ao mundo. Uma ema-

nação de intensa espiritualidade inundava o lugar enquanto que, com passos lentos, os ministros oficiantes, uniformemente vestidos de preto, desciam as escadarias da piscina, dois a dois, para colocarem-se no ponto indicado. O pastor Fayard pediu a Bênção do Céu sobre o ato a ser realizado. Em seguida começou o batismo propriamente dito, e no profundo silêncio reinante se ouviam as palavras de bênção para os candidatos, pronunciadas alternadamente pelo pastor Carlos Ayala e pelo signatário, após as quais oito pessoas eram submergidas simultaneamente, de maneira digna e decorosa, nas cristalinas águas, a fim de ressurgir para uma nova e gloriosa experiência.

A parte musical desta ocorrência merece ser destacada. A atuação do coro das igrejas de Santiago, em número de mais de cinco vezes rigorosamente disciplinadas, sob a regência do maestro Werner Arias, deu uma nota de grandiosidade ao programa e nos fez sentir no íntimo que, cantando os cânticos de Sião, se desimpede o caminho de abrolhos, na marcha para a Pátria Celestial.

No final desta impressionante cerimônia, e enquanto os recém-batizados trocavam de roupa, o pastor Juan Tabuenca, professor de teologia no Colégio Adventista do Chile, com a palavra fluente e saturada do espírito do evangelho, fez sentir no recinto o chamado de Deus aos homens, para que se convençam de que só Ele é amor.

Ao nos retirarmos daquele aprazível local, sentimos gratidão para com Deus, devido a ainda manifestar Sua misericórdia à humanidade, e refletimos profundamente, manifestando o propósito de sermos mais fiéis no desempenho de nossa parte na terminação da tarefa ainda por fazer.



A Espôsa do Ministro Visitando e Evangelizando

NAJLA D. BECHARA

Espôsa do pastor Assad Bechara — Associação Paulista



AS vezes como espôsas de ministro pensamos que tão sòmente bastarão a realização dos trabalhos domésticos, o esmêro pela educação dos filhos e o preenchimento das minúcias do lar. Maiores responsabilidades repousam sôbre nossos ombros.

Acima de donas-de-casa, mãe dos nossos filhos, espôsas do nosso companheiro, somos servas de Deus, do Deus que nos privilegiou ligando-nos a êste homem, o homem de Deus, o procurador das almas; e com êle devemos ser procuradoras de almas.

Como Rute disse a Noemi, dizemos: Teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus, teu trabalho será o meu trabalho. Devemos compartilhar com o ministro, nosso espôso, a mesma paixão pelas almas, a mesma sêde por evangelizar; orar e trabalhar com êle pelo perdido, pelo infeliz, pelo aflito, pelo indeciso e pelo tentado.

“Repousa sôbre a mulher do ministro uma responsabilidade a que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há de requerer dela o talento que lhe foi emprestado, com usura. Cumpre-lhe trabalhar fiel e zelosamente, em conjunto com o marido, para salvar almas.” — *Evangelismo*, pág. 674.

“A espôsa de um ministro pode fazer muito, se quer. Se fôr dotada de espírito de sacrifício, e tiver amor pelas almas, poderá fazer com êle outro tanto de bem . . . pode compreender e tratar, especialmente entre as irmãs, de certos casos que se acham fora do alcance do ministro”. — *Idem*, pág. 675.

Indiretamente muito podemos contribuir, para a consecução do evangelismo:

Primeiro, através do nosso contentamento. Quando o espôso enceta nova campanha evan-

gelística, não reclamar de sua ausência ou falta de atenção. Nosso eu deve esconder-se atrás da cruz de Cristo e dos milhares de perdidos. Qualquer queixume poderia influir naquele que batalha contra as hostes malignas. Devemos contentar-nos também com a nova transferência e com o nôvo clima. Concordar alegremente com êle para enfrentarmos juntos, novos repotes e tarefas.

Em segundo lugar, mediante nosso interesse em seu trabalho, ouvindo-o atentamente, vibrando com suas experiências e sentindo com êle o impacto da luta. Disse o expoente evangelista Roy Allan Anderson: “Nada é mais importante para um ministro do que saber que sua espôsa está com êle, não sòmente na batalha da vida e nas responsabilidades do lar, mas também nas desafiantes e delicadas experiências que fazem seu ministério.”

Focalizemos agora algumas maneiras diretas de fazermos evangelismo:

Em primeiro lugar, acompanhando o espôso às visitas missionárias e estudos bíblicos. Isso, principalmente, quando o chefe da família está freqüentemente ausente, ou se êle é ciumento. Devemos lembrar-nos, entretanto, que quando nosso espôso nos chamar para tais visitas, devemos nos aprontar rapidamente, evitando que êle perca seus preciosos minutos.

Em segundo lugar, quando a situação exigir deve ela ser capaz de ministrar estudos bíblicos. Por exemplo, ao descobrir interesse numa vizinha, ao se deparar com uma jovem indecisa. Ter sempre os olhos abertos para as oportunidades de evangelizar e ter no coração a chama abrasadora da verdade.

Terceiro, ela poderá fazer uso de um pequeno projetor e exhibir quadros evangelísticos ao seu círculo de amizades.

Poderá incentivar visitas a hospitais e outras instituições.

No quinto ponto, queremos ressaltar a cortesia. A esposa do pastor deverá ser cordial e amigável para com as visitas que comparecem ao sermão evangelístico de domingo ou a outras assembléias. Lembremo-nos que "a bondade já converteu mais pecadores que o zelo, a eloquência e a instrução." Quantos estão desesperados, entre a ruína e a morte, apenas esperando um olhar de simpatia, uma simples palavra atenciosa, um cumprimento, talvez.

Enquanto nosso espôso está ocupado nos últimos preparativos para o sermão, podemos estar presentes alguns minutos antes para receber os visitantes, ou ajudá-los a encontrar passagens, quando houver classe bíblica.

Nas séries de conferências a esposa é tão indispensável quanto na igreja. Colherá novos endereços com tato e habilidade. Abrirá contatos para estudos bíblicos.

Esses são trabalhos que a esposa do ministro, nesta época trepidante de super-ocupações pode fazer, pois a maioria deles são perfeitamente realizáveis nas horas das reuniões.

Quanto à falta de tempo de que sempre nos queixamos, diz o Espírito de Profecia: "A mulher, caso aproveite sãbiamente o tempo e suas faculdades, descansando em Deus quanto à sabedoria e à força, pode ombrear com seu marido como conselheira, companheira e coobreira, sem todavia nada perder de sua graça feminina e modéstia." — *Evangelismo*, pág. 467.

Finalmente, "se alguém tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente."

Levemos essa promessa ao Trono da misericórdia e veremos seu cumprimento fecundo em nossas vidas. Peçamos ao Senhor maior espírito missionário, mais ampla visão de nossos deveres e que isto se traduza numa vida plena de utilidade e consagração. E naquele dia, o dia final, o dia das recompensas, nossos ouvidos escutarão as mais doces palavras ditas a mortais: "BEM ESTÁ".

Que esta seja a sorte de tôdas aquelas que levam o título: "A ESPÔSA DO PASTOR" — Amém.

Cantando "com o . . .

(Continuação da pág. 12)

um número. Cante-se uma estrofe de cada hino, o que possibilitará a entoação de muitos hinos prediletos.

4. *A Recapitulação da Noite Final.* — Na última noite do esforço evangelístico, os melhores números de tôdas as apresentações musicais são selecionados, e disto resulta um bom

programa musical. Deverá ser iniciado pelo menos uma hora antes do sermão. Esta é, sem exceção, a noite de maior assistência de tôda a série. Constitue uma ótima noite para decisões. Também provê uma excelente oportunidade para recolher uma vultosa oferta de gratidão.

Em oposição à prática aceita, descobri que a canção principal se usa com muita vantagem no encerramento da reunião. Com as melodias do "Quero o Salvador Comigo" ou "Volve Teus Olhos a Cristo" ressoando-lhes na mente, ao se retirarem da reunião, as pessoas terão certeza da bênção divina, ao decidirem seguir a recém-encontrada verdade.

O programa termina com as palavras do cantor-evangelista: "E agora, até amanhã. Boa Noite! Deus vos abençoe!" O piano ou órgão continua tocando a canção principal ou um número conhecido, como "Fé De Nossos Pais", à medida que o povo se retira.

Estas são algumas idéias que tenho usado. Há muito mais que podemos aprender uns dos outros. Troquemos sugestões através da revista *O Ministério Adventista* e aprendamos a ser melhores cantores-evangelistas!

Nossa Afirmação . . .

(Continuação da pág. 15)

rão da igreja. Como seremos egoístas, se nos abarrotarmos com a verdade do evangelho enquanto há multidões que nunca a ouviram! Quando os discípulos passaram os pães e os peixes aos milhares, não alimentaram apenas a fileira da frente, mas foram até os últimos homens da fileira de trás. Não podemos aglomerar-nos em volta de brasas nas sociedades de congratulação e detrás de toneladas de concreto e montões de papel.

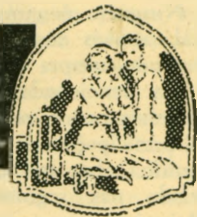
Nossa elevada profissão envolve a grande obrigação de ganhar almas. Os ministros, antes de mais nada, devem ser ganhadores de almas, "buscar e salvar o que se tinha perdido", como fez o divino Mestre.

"Os ministros de Deus devem chegar a uma íntima privança com Cristo, e seguir Seus exemplos em tôdas as coisas . . . Ganhar almas para o reino de Deus precisa ser sua primeira preocupação. Com tristeza pelo pecado, e paciente amor, devem trabalhar como Cristo o fazia, desenvolvendo decidido e pertinaz esforço." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 31.

Queira Deus despertar-nos da comodidade e da inquietação com uma multidão de pequenas coisas, até que deixemos de engrandecer o in-

(Continua na pág. 23)

EVANGELISMO DA SAÚDE



Novas Fronteiras no Evangelismo Médico

E. J. FOLKENBERG

Secretário da Associação Ministerial na União Atlântica



UMA ocasião no passado, decidi que era tempo de averiguar sinceramente se meu trabalho pelas almas correspondia ou não ao escopo que me fôra designado pelo Céu; assim apliquei-me a examinar mais detalhadamente os métodos de trabalho de Cristo, quando Se encontrava na Terra. Não levou muito tempo para que sofresse a perda definitiva de vários conceitos de trabalho ministerial, e penetrasse num intensivo programa de experimentação, o ano passado, que abriu novas fronteiras de atividade bem à minha frente. Embora seja um tanto espetaculoso comparar acontecimentos do ano passado com a experiência do apóstolo Paulo na estrada de Damasco, certos aspectos bem podem ser comparados a uma manifestação repentina de luz, um cair de joelhos, além de uma noção mais ampla do trabalho ministerial.

Para servir de base a esta exposição, detenhamos-nos um pouco para repassar diversas citações vitais, que despertaram uma sensacional série de experimentos médico-missionários, nesta União Atlântica. Afirmou a serva do Senhor: "Percebo que na providência de Deus a obra médico-missionária é uma notável cunha de entrada, por meio da qual a alma enfêrma poderá ser alcançada." — *Counsels on Health*, pág. 535. Agora leiamos com reflexão a seguinte e surpreendente frase: "Quão vagarosos são os homens em compreender a preparação de Deus para o dia de Seu poder! Deus hoje trabalha da mesma maneira para alcançar corações, como fazia quando Cristo estava sôbre a Terra. Lendo a Palavra de Deus, vemos que Cristo introduziu a obra médico-missionária em Seu ministério. Não podemos abrir os olhos para discernir os métodos de Cristo? Não podemos

compreender a incumbência que confiou aos discípulos e a nós?" — *Medical Ministry*, pág. 246. Ou ainda: "Ministros, não restrinjais o vosso trabalho a dar estudos bíblicos. Fazei trabalho prático. Procurai restaurar os doentes à saúde. Isto é autêntico ministério. Lembrai-vos de que a restauração do corpo prepara o caminho para a restauração da alma." — *Idem*, pág. 240. Notai ainda a impressionante sentença: "Nenhuma linha deve ser traçada entre a genuína obra médico-missionária e o ministério evangélico. Estes dois devem misturarse. Não devem ser separados como linhas distintas de trabalho. Devem ser ligados numa união inseparável, assim como a mão está ligada ao corpo." — *Idem*, pág. 250. Examinemos ainda mais uma declaração que parece iluminar o âmago d'êste importante assunto: "A união da obra idêntica à de Cristo em favor do corpo, com a obra idêntica à de Cristo em favor da alma, é a verdadeira interpretação do evangelho." — *Welfare Ministry*, pág. 33. Isto nos leva ao seguinte conselho: "Devemos agora unir-nos e pela verdadeira obra médico-missionária preparar o caminho para a vinda de nosso Rei." — *Testimonies*, Vol. 8, pág. 212.

Nestas, e em numerosas citações semelhantes, o suposto médico-missionário descobre uma aparente brecha, freqüentemente separando a teoria da obra médico-missionária de sua capacidade de realmente exprimir essa teoria na prática. No entanto, tomemos em consideração as palavras proféticas, que nos inspirarão com renovada coragem e com a preparação pessoal para o dia em que "veremos a obra médico-missionária alargar-se e aprofundar-se em cada setor de seu desenvolvimento, devido à afluência de centenas e milhares de caudais, até que tôda a terra esteja coberta como as águas cobrem o mar." — *Medical Ministry*, pág. 317.

Ninguém negará que o nosso trabalho mundial, através dos sanatórios e hospitais, evidentemente cumpra uma grande parte da profecia acima mencionada. No entanto, se pararmos aí, ignoraremos os mais extensos planos do Céu da participação de todo ministro e membro na genuína obra médico-missionária, como foi revelado nas seguintes e inspiradas palavras: "Atingimos um tempo em que todo membro da igreja deveria lançar mão da obra médico-missionária." — *Test. Seletos* (Edição Mundial), Vol. 3, pág. 102. Admitamos francamente que tão claras declarações, em vista das populações civilizadas de hoje viverem dentro do alcance do telefone do mais adiantado tratamento médico, e rigorosas leis restringirem as atividades médicas da parte dos leigos, à primeira vista quase parecem impossíveis de serem postas em prática. Por outro lado, antes que estes parágrafos sejam concluídos, descobriremos u'a maneira de realizar trabalho médico-missionário, por meio dum plano que o Dr. J. Wayne McFarland e eu estivemos testando calmamente, através de programas orientadores na União Atlântica, há mais de um ano.

Antes de tudo, porém, haverá pouco proveito em discutir os princípios médico-missionários do ponto de vista ministerial, sem compreendermos bem que no Éden o homem originalmente caiu pela investida de Satanás contra a sua natureza física, mental e espiritual. Havendo iniciado um bem sucedido ataque à natureza física daquele, Satanás prosseguiu até lograr romper a ligação espiritual do homem com Deus. Pela razão de o mesmo cair nos três níveis citados, não se torna imediatamente evidente que os verdadeiros esforços ministeriais para salvar o homem todo, devem ser despendidos na recuperação de sua natureza física, mental e espiritual, para que Deus dêles Se possa agradar?

A desolada e satânica filosofia pagã: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos", com tôdas as suas perniciosas conseqüências históricas, difundiu-se mais do que se possa imaginar, até mesmo no pensamento religioso da atualidade. Após uma recente palestra sôbre saúde, apresentada pelo Dr. McFarland à associação ministerial duma cidade, um eminente clérigo declarou: "Nós, os ministros, por muito tempo acreditámos que a mente e a alma eram os mais importantes elementos do homem, religiosamente falando, por isto dedicámos pouca atenção à sua natureza física." Para evitar êste conceito errôneo, Jesus, o grande Médico-Missionário, geralmente atendia em primeiro lugar o corpo, antes de procurar alcançar o coração humano. Certamente Jesus sabia o que estava fazendo quando Se inclinou ao pó e formou um corpo físico como habitação para o cé-

rebro, desta maneira capacitando Adão para adorar o Criador. Por conseguinte, fomos criados para o tríplice desígnio de desenvolver o físico, o mental e o espiritual. A fim de realizar, pois, um equilibrado trabalho ministerial em favor do homem como um todo, não nos devemos limitar à sua restauração mental e espiritual, trabalhando apenas parcialmente pela sua recuperação física. Se negligenciarmos o físico, o Céu comparará nosso trabalho a um tripé um tanto deformado, com uma escora bem mais curta que as outras duas, e inclinado para um lado, se é que poderá ficar em pé. Prestemos, portanto, atenção para estas inspiradas palavras: "Cristo permanece à nossa frente como o Homem-modêlo, o grande Médico-Missionário — um exemplo para todos os que viriam depois." — *Medical Ministry*, pág. 20. Então segue uma quase clamorosa e suplicante pergunta: "Acaso realizarão os homens e as mulheres, algum dia, uma obra que tenha as feições e o caráter do grande Médico-Missionário?" — *Ibidem*. Devido à graça de Deus sempre ser transformante e eficaz, a instrução ministerial sôbre o divino evangelho da graça deve simultaneamente abranger um compreensivo programa de educação em favor das faculdades físicas, mentais e espirituais do homem, que se processará melhor na ordem acima mencionada.

Nós, adventistas, desenvolvemos uma considerável habilidade para pregar a natureza obrigatória dos Dez Mandamentos, com especialidade do quarto mandamento. No entanto, gostaria de saber se já percebemos que no sexto mandamento — Não matarás — reside o próprio âmago do princípio da verdadeira obra médico-missionária. Temos, então, moralmente, o sagrado dever de declarar que todo o hábito físico que prepara o terreno para futuras doenças e uma possível morte prematura, constitui uma grave violação do claro mandamento de Deus — Não Matarás.

Observando o fluxo e refluxo da multidão, na esquina duma rua de Nova York, pensei comigo mesmo: — Como posso fazer de nossa mensagem de saúde uma cunha de entrada para êstes corações? Depois de muito meditar sôbre o fato de que Deus nos concedeu um sistema superior de vida, destinado a reformar os costumes de vida do mundo, achei que a única maneira viável seria pesquisar o livro *The Ministry of Healing* e adaptar seus eternos princípios para o tempo atual. Então, numa reunião em que se planejou a propaganda para uma série de palestras sôbre a saúde em geral, surgiu inesperadamente esta audaciosa idéia: — Por que não cobrar a entrada do programa, eliminando assim a necessidade de se retirar uma oferta? Conseqüentemente, nosso anúncio no *New York Times* declarava que os assentos re-

servados custariam um dólar e vinte e cinco centavos, cada um. Para surpresa minha, o telefone tocou constantemente por vários dias, terminando por ficar o nosso salão repleto com 800 dos mais atenciosos ouvintes que se possam imaginar, todos êles resolvidos a obter o máximo de seu dinheiro. Animados com isto, continuamos com o plano de vender ingressos para os vinte programas adicionais sobre saúde, obtendo uma assistência bem maior do que a de outras reuniões gratuitas que versavam apenas sobre religião. Evidentemente, embora êste método apenas possa ser usado sob determinadas condições e com muita cautela, depois daquele sucesso inicial, eu não necessitava provas adicionais de que bons princípios de saúde realmente se possam tornar uma poderosa cunha de entrada. Mas compreendi que somente tocara na superfície do plano de Deus para alcançar os corações. Para os colegas de ministério que desejam desenvolver uma filosofia mais cabal sobre o evangelismo médico-missionário, muito recomendo um cuidadoso estudo de uma compilação de 47 páginas, intitulada: *A Call to Medical Evangelism and Health Education*, com um incentivo prefácio do Departamento Médico da Associação Geral, e editada pela Associação Publicadora do Sul. Lemos na página oito: "O evangelho da saúde deve estar intimamente relacionado com o ministério da palavra." (*Citação tirada do Medical Ministry*, pág. 259). Agora vem a inevitável pergunta: — Está o meu ministério intimamente relacionado com a obra médico-missionária?

Por mais de um ano, tem-me sido um privilégio empreender nesta União Atlântica, com a cooperação do Dr. McFarland, uma série de ponderadas experiências médico-missionárias. Como incentivo, observei o Dr. H. W. Vollmer e senhora, nas aulas de nutrição por êles realizadas através desta União, adestrando as esposas dos ministros na arte de fazer demonstrações culinárias. Era emocionante ver uma jovem senhora, assim preparada, subir à plataforma por trinta minutos, antes do sermão evangelístico do marido, e primorosamente preparar um saudável alimento. Seu marido modestamente declarou: — Eles vêm para vê-la cozinhar e permanecem para me ouvir pregar. Em parte êle está certo. Estes dois jovens obreiros estão apenas demonstrando a grandiosidade do evangelismo da saúde. Abertamente nos foi declarado que as aulas de nutrição devem acompanhar cada esforço evangelístico, empregando dêste modo o plano do Céu na salvação do homem todo.

No ano passado, observei ministros iniciarem séries de conferências, levando médicos locais à plataforma, e ombro a ombro prosseguirem numa série de questões arranjadas de antemão,

o que muitas vêzes me pareceu ser mais eficiente do que apenas a palestra de quinze minutos sobre saúde, por parte dum médico. Os assistentes se impressionam ao verem ministros e médicos visivelmente associados, e em estreita cooperação. Outros pastôres, não tendo algum médico dedicado para ajudá-los, introduziram nas reuniões noturnas a série de filmes do Dr. Clifford Anderson sobre assuntos médicos, acompanhada da respectiva narração em fita. Algumas noites uma enfermeira local vinha demonstrar certos tratamentos caseiros, ante uma fascinada assistência. Que estava acontecendo? Êstes ministros simplesmente utilizaram alguns princípios básicos da obra médico-missionária, obtendo um conhecimento essencial para futuras realizações.

Certa vez, uma afirmação extraordinária moveu-me intensamente. Ei-la: "Um nôvo elemento deve ser introduzido na obra. O povo de Deus deve atender à advertência, e trabalhar pelas almas exatamente onde elas se encontram; pois as pessoas não compreendem sua necessidade e perigo." — *Idem*, pág. 319.

Muitas vêzes refleti na pergunta: — Que "nôvo elemento" é êste, que devei introduzir em meu trabalho? Esta pergunta não deve ser considerada levemente. Por muito tempo senti um persistente descontentamento devido a somente pregar para as pessoas e visitá-las do ponto de vista intelectual e espiritual, sabendo muito bem que suas mentes freqüentemente estavam tão obscurecidas por errôneos hábitos de vida, que eram incapazes de se apoderarem completamente dos grandes temas do dever e do destino. Outrossim, na citação anterior somos admoestados como um povo a "trabalhar pelas almas exatamente onde elas se encontram." Com certeza, isto sugere uma tentativa de elevar a humanidade, começando com um plano que a ajude a se libertar dos escravizantes hábitos, pelos quais tem estado ligada a Satanás.

Naturalmente, deve haver algo com que iniciar êste trabalho, que também deverá ser do interesse daquêles que se deseja ajudar. Evidentemente, a pessoa mediana não sente a constrangedora necessidade de mudar seus pontos de vista sobre o milênio ou o estado dos mortos, mas milhares de pessoas pensantes se preocupam com o fumo e a saúde em geral. Acaso é esta a chave para uma nova fronteira na obra médico-missionária? Como um povo, estamos há décadas proclamando os perigos do fumo e ajudando as pessoas a deixá-lo. Por conseguinte, do ponto de vista histórico e de saúde, acaso não somos nós o povo certo para apresentar ao mundo, com exatidão, como quebrar êste hábito aviltante?

Surgiu o seguinte pensamento: "Aquêles que procuramos ajudar geralmente são induzidos

por sentimentos religiosos a combater o fumo, e o homem comum da rua não o é." De alguma maneira veio-nos uma convicção recorrente de que se empregássemos vários métodos já usados durante anos, com muito êxito, por ministros e médicos desta denominação, poder-se-ia inventar um plano capaz de fazer grandes grupos de pessoas quebrarem o hábito de fumar, mesmo que não fôsse impulsional por convicções religiosas.

Neste primeiro período de experimentação, o fato de o Pastor W. J. Hackett, presidente da União Atlântica, demonstrar inabalável con-

fiança na idéia básica do plano e instar com o Dr. McFarland e comigo para iniciarmos um programa de experimentação em larga escala, foi-nos uma animação. Depois de passarmos quase um ano realizando diversas tentativas, encontramos-nos relacionados com um emocionante programa de imensas possibilidades, em que este contato faz mais do que apenas abrir portas diante de nós. Quando bem efetuado, este plano figuradamente como que remove aquelas portas pelos gonzos. Conhecido como "O Método de Deixar de Fumar em Cinco Dias", este projeto será detalhadamente descrito em outro artigo.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Observância do Sábado Um Critério Válido

(Original em Inglês, págs. 177 e 178)

Pergunta 17

Crêem os adventistas do sétimo dia que o sábado é o único critério válido para determinar completa obediência à lei de Deus, ou pode alguém que adorar sinceramente no domingo, mas deixar de guardar o sábado, ser ainda considerado um fiel e obediente cristão?

Os adventistas do sétimo dia não podem ler os corações, nem o fazem; isto é prerrogativa de Deus. Cremos na luz progressiva. O tempo, as circunstâncias, o conhecimento, a compreensão e a convicção são fatores determinantes. Além disso, cremos que em tempos estabelecidos existe uma peculiar "verdade presente" a que se deve dar ênfase (II S. Pedro 1:12).

Cremos igualmente que a luz deve crescer "mais e mais até ser dia perfeito" (Prov. 4:18), e que o aumento do conhecimento e da compreensão inevitavelmente acarreta um aumento da responsabilidade (S. João 9:41). "Aquele pois que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado" (S. Tiago 4:17). A rejeição, portanto, de reconhecida luz se torna uma questão pela qual o indivíduo é responsável. "Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz" (S. João 12:36). "Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas

não vos apanhem" (Versículo 35). "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas. Se, portanto, todo o teu corpo fôr luminoso, sem ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candeia quando te ilumina em plena luz" (S. Lucas 11:35 e 36).

No que se refere à pergunta em si mesma, deveria ser notado que:

Quando, porém, a observância do domingo fôr imposta por lei, e o mundo fôr esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que não tem maior autoridade que a de Roma, hontrará desta maneira ao papado mais do que a Deus. — *O Conflito dos Séculos*, pág. 486.

Reconhecemos que o sábado não foi uma prova nos tempos medievais. Não acreditamos que tenha sido uma prova nos dias da grande Reforma do século XVI, ou mesmo no tempo de Wesley. Mas nestes "últimos dias", quando, cremos, tôda a verdade deverá ser restaurada antes da segunda vinda de Cristo, e a mensagem sôbre o sábado do quarto mandamento deverá alcançar o gênero humano com significação divina, haverá uma responsabilidade para obediência da parte daqueles aos quais adveio luz e convicção. Deus certamente não terá por responsável da verdade aquêle que ainda não a conhece e compreende.

Nossa Afirmação e Obrigação

(Continuação da pág. 18)

significante e diminuir o valioso. Se nossa ocupação não fôr a de Deus, logo nos encontraremos sem ocupação.

Compreende-se que, com muitas exigências pesando sobre nós, nos sentimos exaustos e sobrecarregados. É fácil de raciocinar que se aproveitamos bem as oito horas dum dia rotineiro, já fizemos realmente a nossa parte. Indiferentes para com os tempos em que vivemos, nós nos juntamos ao grande grupo de pessoas que se encerram detrás das grades da fadiga. São poucos os que rompem essa barreira e partem para uma jubilosa e emocionante aventura. Muitas pessoas param quando o trabalho se torna penoso. Não gostam de andar a segunda milha na proclamação da urgente mensagem deste tempo.

Desejaria sugerir-vos esta manhã que, ao nos defrontarmos com a tarefa do autêntico evangelismo, rompamos a barreira da fadiga e pensem em caminhar a segunda milha com o Senhor.

Se ficais desanimados, sentindo-vos humanamente inadequados para arrostar o grande desafio à vossa frente, desejaria recomendar-vos um trecho da pena inspirada:

"Deus poderia ter confiado aos anjos celestiais a mensagem do evangelho e toda a obra de amoroso ministério. Poderia ter empregado outros meios para realizar o Seu propósito. Mas em Seu infinito amor preferiu tornar-nos cooperadores Seus, de Cristo e dos anjos, a fim de que pudéssemos participar da bênção, da alegria e do erguimento espiritual que resultam desse desinteressado ministério." — *Vereda de Cristo*, págs. 110 e 111.

A imaginação de que podemos ser uma força para Deus e participar com Cristo e os anjos da bênção, da alegria e do erguimento espiritual, por meio dum desinteressado e infatigável ministério, deveria ser mais do que suficiente para dar-nos novo vigor, coragem e energia para enfrentar o repto. Isto certamente bastaria para levar-nos a renovar e redobrar os esforços evangelísticos em prol das multidões que sucumbem!

Entretanto, certifiquemo-nos de que estamos progredindo e não apenas marcando o passo. Rolland Hill, quando visitava uma casa em que havia uma criança montada num cavaleiro de pau, após observar o pequeno por algum tempo, disse: "Ele me faz lembrar de alguns cris-

tãos. Fazem uma profusão de movimentos, mas não progredem." Nos Estados Unidos, a divisa da maior companhia de material elétrico é a seguinte: "O progresso é o nosso principal produto." O progresso em transmitir a mensagem de Deus aos povos da Terra, no presente, é a nossa mais importante realização. Numa palavra, o evangelismo!

A serva do Senhor, referindo-se à experiência de Jonas, diz-nos que:

"A lição é para os mensageiros de Deus hoje, quando as cidades das nações encontram-se tão verdadeiramente em necessidade do conhecimento dos atributos e propósitos do verdadeiro Deus, como os ninivitas do passado. Os embaixadores de Cristo devem apontar aos homens o mundo mais nobre, que tem sido em grande parte perdido de vista." — *Profetas e Reis*, pág. 274.

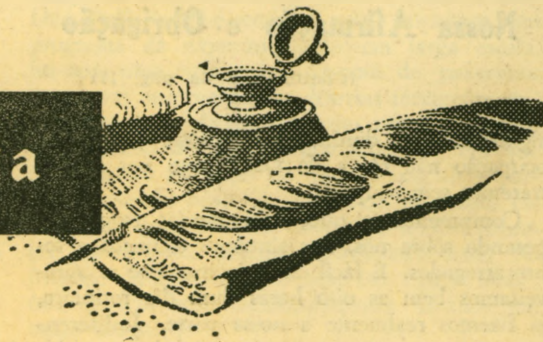
Embora reconheçamos que o autêntico evangelismo e despertamento provenham de Deus, e unicamente de Deus, nós, como homens, devemos promovê-los e ser seus porta-vozes. Deus envia o Sol e a chuva; Deus faz o solo ficar fértil, mas o homem deve lavrar o solo e cultivar o campo, do contrário jamais haverá colheita.

"Não temos tempo para preocupar-nos com assuntos destituídos de importância... Logo uma surpresa terrível sobrevirá aos habitantes do mundo. Imprevistamente, com poder e grande glória, Cristo virá. Não haverá, então, tempo de preparo para encontrá-Lo. Agora é o tempo de proclamarmos a mensagem de advertência." — *Test. Seletos*, (Edição Mundial), Vol. 3, pág. 220.

Grandes afirmativas exigem um andar e viver correspondentes. Grandes profissões envolvem grandes obrigações. Em primeiro lugar, o chamado para a manifestação duma vida semelhante à de Cristo, depois, a execução de nossa grande obrigação de tornar conhecido o evangelho — o poder de Deus para a salvação dos que estão nas trevas.

Queira Deus ajudar-nos a viver à altura de nossa elevada afirmativa e profissão, e a nos mantermos progredindo e enfrentando o desafio. Nunca nos esqueçamos da maneira em que Ele nos tem guiado. Oxalá que nos levantemos para ir e anunciar esta mensagem de advertência, a fim de que a obra de Deus nesta Terra logo seja concluída e Jesus volte para o Seu povo!

Nota: Este tema foi apresentado numa das reuniões devocionais realizadas durante a sessão plenária da comissão da Divisão Sul-Americana, que teve lugar entre 5 a 11 de dezembro de 1962.



Pronúncia das Palavras

(segundo artigo)

PEDRO APOLINARIO

DAMOS o nome de ortofonia ou ortoépia ao estudo da pronúncia correta das palavras.

É fato simples e conhecidíssimo que em toda a palavra de mais de uma sílaba, há uma que vibra mais forte, com mais intensidade, por isso é chamada tônica ou predominante.

O acento tônico regula a pronúncia do vocábulo e se cada sílaba fôsse representada por uma nota musical, a sílaba tônica seria representada por uma nota mais alta, mais aguda.

Ao contrário do que possa parecer ao estudante apressado, a pronúncia é um dos pontos difíceis e assim sendo deve merecer a nossa atenção.

Antes de estudarmos a pronúncia, devemos estar cientes de que em algumas palavras, com o passar do tempo e por influências várias, o acento tônico sofreu deslocamento. Podemos apresentar como exemplo: míope, oceano, idólatra, pântano, que de conformidade com a etimologia deveriam ser pronunciadas miope, oceano, idolatra e pantano. A pronúncia pantano, ainda hoje é comum em algumas regiões do Brasil.

Outro ponto que não pode ser olvidado ao tratarmos deste assunto, é que as palavras gregas por nos terem vindo, quase todas, através do latim, devem ser pronunciadas com a prosódia latina e não grega.

A prosódia portuguesa obedece, em regra geral, à prosódia latina, embora seja mais complexa por não dispensar o uso dos acentos.

Todos os obreiros interessados em pronunciar e acentuar corretamente as palavras deveriam possuir, para consulta, o Vocabulário Ortográfico e estudar as respectivas regras de acentuação de nossa língua.

Aconselharíamos também aos pregadores o

uso da Bíblia de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, por indicar a pronúncia exata de vários nomes, empregados até agora, por muitos, com prosódia imperfeita. Entre muitos notemos êstes cujas pronúncias estão indicadas pelos acentos correspondentes: Eliézer, Pármenas, Prócoro, Cléopas, Herodes Antipas, Getsêmani, arráteis.

Alguns se insurgem contra os muitos acentos de nossa língua, e há dificuldades em seu uso para diferenciar as homógrafas, mas temos que concordar que os acentos muito nos ajudam na pronúncia correta de inúmeros vocábulos.

Apresentaremos uma lista de palavras, que para muitos ainda oferecem dificuldades de pronúncia, onde as sílabas tônicas não marcadas por sinais diacríticos serão colocadas entre parênteses:

Acólito, alimária, alvíssaras, anátema, antítipo, areópago, ariete avaro (va), autóctone, azáfama, aziago (ziá).

Batavo (ta), blasfemo (fê)

Cleópatra, cômputo, cônjuge, cânon, crisântemo.

Decano (câ).

Etiópia, estratégia, eutanásia, exegese (ge).

Filantropo (trô), grácil, gratuito (túi).

Hieróglifo, horóscopo.

Ibero (be), ímprobo, impudico (di), inclito, inquerito (inkérito), interim, intoxicar (intocsicár).

Leucócito, Lúçifer, Lucíferes.

Misanthropo (trô)

Novel (vél)

Ômega

Pegada (ga), projétil, protótipo, pudico (di).

Sânscrito, simulacro (la), sóror.